

OS DESAFIOS NO COMBATE AO ANALFABETISMO DE JOVENS E ADULTOS EM PERNAMBUCO

Maria Priscila do Nascimento Fontes
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
priscila00do@gmail.com

Marília Gabriela Silva Rêgo
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
marilia_gabriela00@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo traçar reflexões a respeito da questão do analfabetismo presente no público da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto, duas salas de EJA foram visitadas em duas escolas distintas, a Escola Estadual Cândido Duarte, no bairro da Várzea em Recife-PE e a Escola Municipal Jorge Camelo, em Lagoa do Carro - PE. Foram identificadas as vivências das turmas e suas principais limitações através de entrevistas com os alunos e professores e do acompanhamento de três dias de aulas nas referidas escolas. Nelas, percebemos que o analfabeto é uma figura presente na realidade desta modalidade de ensino e dentre os desafios dos professores está em lidar com a didática da turma, que geralmente abarca diferentes tipos de estudantes: os que sabem ler ou não. Paralelo a isto, constatamos que as políticas públicas de enfrentamento ao analfabetismo adulto continua a andar a passos curtos, com programas sem previsão de início e o não envolvimento sensível do município e estado, que devem caminhar juntos neste objetivo. Este estudo é resultado das inquietações e do encontro de duas pesquisas particulares: um trabalho de conclusão de curso em jornalismo sobre analfabetismo no interior de Pernambuco; e de um trabalho para disciplina de EJA, no curso de pedagogia, ambos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A união destes dois trabalhos permitiu a ampliação da compreensão da realidade da educação de jovens e adultos dentro do recorte da capital e do interior do estado.

Palavras-chave: Analfabetismo, EJA, Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

A herança não nos orgulha. São 500 anos de histórias e experiências em alfabetização que vão se desenhando ao longo do amadurecimento da sociedade brasileira. Dos jesuítas que catequizaram os índios no período colonial até Paulo Freire na modernidade, são anos de buscas pelo domínio da palavra escrita. Até a publicação da Constituição de 1988, a taxa de analfabetos constituía mais da metade da população do país que via seus direitos recusados e eram impedidos sequer de participar da vida política nacional. Naquela época, 80% dos brasileiros eram analfabetos e isso gerava um sentimento de vergonha diante dos países desenvolvidos. Daí há de se perceber o estigma de ser analfabeto naquela época e ainda nos dias de hoje.

Na tentativa de diminuir e finalmente erradicar o analfabetismo, o Brasil se engajou em algumas iniciativas e campanhas pró alfabetização ao longo da história, tendo alguns expressivos movimentos de alfabetização. Em 1963, Paulo Freire foi chamado pelo então presidente, João Goulart para organizar o Plano Nacional de Alfabetização que começou a funcionar em 64, mas foi interrompido com o Golpe de Estado da Ditadura Militar no mesmo ano. Cinco anos depois surgiu o MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, com a proposta de chamar os leitores para ensinar os não-alfabetizados, recrutando sem exigência os alfabetizadores e despreocupando-se com a profissionalização do docente.

A situação veio mudar com a Fundação EDUCAR que implantado no fim do Regime Militar, fazia parte do Ministério da Educação (MEC) e supervisionava as instituições inscritas nos programas de alfabetização. Após cinco anos, o Governo Collor extinguiu a Fundação e não criou nenhuma outra instância que assumisse funções semelhantes. Somente em 1996, volta-se a tratar mais da questão da alfabetização com o Programa Alfabetização Solidária. O resultado de todas as tentativas foi chegar aos anos 2000 com um índice ainda elevado de 13,6% de brasileiros que não tem o domínio da leitura, da escrita e das operações matemáticas básicas (LEAL e ALBUQUERQUE, 2005).

Este apanhado histórico gera uma reflexão sobre a educação brasileira e a busca pela erradicação do analfabetismo, tentando entender o porquê, ainda a passos curtos, temos cerca de 12,9 milhões de brasileiros acima de 15 anos de idade que não sabem ler ou escrever (IBGE, 2010). Em 1990 foi realizada uma Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia, que reuniu 129 países em um esforço coletivo para melhorar a educação de crianças, jovens e adultos. Essa ação foi renovada em 2000, em Dakar, no Senegal, com a validade de 15 anos, portanto finalizada em 2015. Dessa vez mais países aderiram e todos juntos assinaram as propostas com seis metas relacionadas a todos os níveis educacionais. Porém, apesar dos esforços, no relatório de monitoramento desse projeto lançado em 2015, 57 milhões de crianças estão deixando de aprender simplesmente por não estarem na escola e ainda há 781 milhões de adultos não alfabetizados no mundo. O Brasil também lançou o seu relatório individual e não alcançou o total das metas.

À procura de ampliar o ensino, em 2001, entrou em vigência o Plano Nacional de Educação (PNE), um projeto que determina os rumos da educação brasileira a cada dez anos. Dada sua elaboração, são estabelecidas metas e estratégias para propor um sistema de ensino mais igualitário e de maior qualidade, com índices de integração escolar maiores do que os de desistência e analfabetismo. A primeira versão do Plano não apresentou resultados expressivos e em 2014 o novo PNE foi votado para o decênio 2015-2025. Entre as diretrizes, estão a

erradicação do analfabetismo e a universalização do atendimento escolar. O plano também destina 10% do produto Interno Bruto (PIB, soma de todos os bens e serviços produzidos no país) para a educação – atualmente são investidos no setor 5,3% do PIB brasileiro.

A partir desses Planos foram elaborados projetos de alfabetização de adultos, além de oportunizar a entrada de crianças nas escolas, mas ainda assim são muitos os desafios, o principal deles, dar a devida importância às questões que estão implicadas na manutenção do analfabetismo. Medeiros (1999) nos traz a reflexão de que “o ensino, especialmente o escolar, focaliza quase que exclusivamente a população jovem, torna-se, após certa idade, difícil aos adultos reverter sua condição de analfabeto” (MEDEIROS, 1999, p.172).

Mas, então, problematizemos o que é ser analfabeto. Determinar se uma pessoa possui ou não o grau considerado como alfabetizado parte de diferentes perspectivas. Os formulários dos censos demográficos até 1940 definiam uma pessoa alfabetizada como aquela que conseguisse apenas assinar o próprio nome, mas hoje só isso não basta. O Censo do IBGE reformulou essa definição e determina que a pessoa alfabetizada é aquela que sabe escrever e ler um bilhete simples.

O IBGE utiliza como método a espontaneidade do cidadão. Não são aplicados testes e as pessoas entrevistadas se auto definem como alfabetizadas ou não. Essa questão é um exemplo chave para entender que a tarefa complexa de definir o analfabetismo ainda não reflete a realidade desta condição. Ao mesmo tempo surgem outras concepções como o analfabetismo funcional para se referir àquele que abandonou a escola e por isso perdeu as competências de leitor e escritor que ele adquiriu, pois não se consolidaram. Além destes, existem os que frequentam a escola, mas não conseguem atingir o domínio da leitura e da escrita e são produto de uma nova exclusão: mesmo tendo se escolarizado, não conseguem ler e interpretar aquele mesmo bilhete simples sugerido nos censos. São 17,1% de analfabetos funcionais, de acordo com a mesma pesquisa do Pnad, em 2015.

O analfabetismo recorre a uma problemática não somente da questão demográfica, mas principalmente da educação, e das oportunidades de acesso disponíveis principalmente em regiões menos desenvolvidas. Embora o envelhecimento da população seja um fator que contribui para as estatísticas de analfabetismo, já que a maior parte de analfabetos são de idosos, os jovens analfabetos também estão representados nesse contingente. Estes dados sugerem que a despeito das propostas e mudanças ao longo do tempo os problemas ainda persistem:

Quando o ensino, especialmente o escolar, focaliza quase que exclusivamente a população jovem, torna-se, após certa idade, difícil aos adultos reverter sua condição de analfabeto. Assim, o envelhecimento de uma geração de analfabetos pode, nesse caso, ser considerado o componente demográfico da

manutenção do analfabetismo. Entretanto, para ser mantido no tempo, o estoque de analfabetos exige reposição, ou seja, o surgimento de novos analfabetos nas gerações mais novas. Logo, além dos aspectos essencialmente relacionados à dinâmica demográfica, o analfabetismo está também relacionado a condições que produzem novos analfabetos. (MEDEIROS, 1999, p.172)

Diante do percurso histórico de analfabetismo e do índice alarmante de adultos nesta condição, a preocupação deste trabalho é focar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), identificando os desafios enfrentados nesta modalidade de ensino, percebendo os entraves que ainda persistem, principalmente neste aluno que, muitas vezes, chega na condição de analfabeto. A EJA é uma modalidade de educação presencial que se divide em duas categorias: ensino fundamental e médio. Visa atender adolescentes, jovens e adultos que por motivos diversos não teve acesso na idade adequada ao Ensino Fundamental ou apresenta descontinuidade, para efetuar a matrícula a idade mínima é de 15 anos.

Este estudo parte da convergência de dois trabalhos distintos feitos em nossa trajetória acadêmica, um fruto da conclusão de curso em jornalismo a respeito de perfis sobre analfabetos (RÊGO, 2017) no interior do estado de Pernambuco, entre as cidades de Lagoa do Carro, Carpina e Tracunhaém e o outro, de uma pesquisa de campo para a disciplina de EJA no curso de pedagogia, ambos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ao perceber a potencialidade das pesquisas a respeito destes temas, ligamos as duas origens e foi possível estabelecer reflexões consideráveis a respeito da Educação de Jovens e Adultos em Pernambuco.

METODOLOGIA

O trabalho se desenvolveu através da pesquisa de campo, definida por Oliveira (2003, p. 65) “como a técnica usada para a coleta que permite a obtenção de dados sobre um fenômeno de interesse da maneira como ele ocorre na realidade estudada”. A pesquisa objetiva aprofundar no contexto escolar e analisar um determinado fenômeno, ou seja, coloca o pesquisador dentro do universo a ser trabalhado.

Desta forma, duas escolas estão inseridas nesta pesquisa: a Escola Estadual Professor Cândido Duarte, localizada na Praça Pinto Damaso, S/N, no bairro da Várzea, Recife – PE; e a Escola Municipal Jorge Camelo, localizada na cidade de Lagoa do Carro, interior de Pernambuco. A escolha por duas escolas localizadas, a primeira na capital e a segunda no

interior do Estado, se deu para perceber de forma mais geral, o perfil particular de cada escola no que diz respeito a EJA, além de identificar se há alguma diferença expressiva de realidade escolar e da vivência da educação de jovens e adultos nestes locais.

Cada escola foi visitada três vezes. Nelas foi possível uma observação simples, de primeiro momento, a fim de perceber como era a sala (em seus aspectos físicos, principalmente), mas também a como era a turma (seu comportamento, quantos alunos eram, etc). Posteriormente, foram realizadas entrevistas com os alunos e professores daquelas turmas. Apesar do questionário, as entrevistas aconteceram em um tom informal, com registro em áudio, autorizado por todos os entrevistados. As perguntas que nortearam todas as conversas buscavam identificar o perfil do educando da EJA e as principais dificuldades, seja no acesso à escolarização até os desafios de ensino-aprendizagem. Além desta visitas, entrevistamos a gerente de políticas educacionais de jovens, adultos e idosos da Secretária de Educação de Pernambuco, Cláudia Abreu. Na tabela 1, estão dispostas as perguntas feitas às fontes seguem um roteiro pré-estabelecido:

Tabela 1: Roteiro de Perguntas para as entrevistas

Ao alunos de EJA	Aos professores	À Secretária de Educação
<p>Nome; Idade; Há quanto tempo estuda na EJA? Há alguma dificuldade? Qual? O que você acha de estudar na EJA?</p>	<p>Nome; Formação; Há quanto tempo ensina na EJA? Quais as facilidades ou dificuldades de trabalhar na EJA? Qual a metodologia utilizada em sala de aula?</p>	<p>Quantas turmas de EJA atendem? Quantas escolas têm EJA? Como se processa a captação de recursos para EJA? Descrever como está a EJA no município.</p>

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das entrevistas, constituímos um relato descritivo da experiência de visitar essas escolas durante as duas pesquisas distintas, percebendo o quanto convergem nesta realidade da educação de jovens e adultos.

A Escola Estadual Professor Cândido Duarte, localizada no bairro da Várzea, é constituída por duas etapas de ensino que são: a Educação de Jovens e Adultos – supletivo e o Ensino Fundamental. Das sete salas que a escola possui, cinco são utilizadas para a EJA. Algumas são espaçosas e outras não, ainda sem climatização via ar-condicionado. A escola também uma quadra de esportes descoberta; cozinha; biblioteca e dois banheiros.

Na ocasião conversamos com a professora Juciara que é formada em Letras, e ministra aulas de Português na EJA. Demonstrou preocupação com a leitura, o letramento e a contextualização dos conteúdos. Destacou a importância da flexibilidade da didática de ensino: “Eu não acho que existam fórmulas pré-estabelecidas e impostas, você pode adequar essa metodologia, essa didática, essa fórmula.” disse ela. A maior dificuldade que ela encontra é o desempenho escolar dos alunos, visto que muitos copiam o que está no quadro, mas não sabem ler. Em contrapartida, diz que os alunos são engajados nos estudos e auxiliam na sala de aula. As facilidades são o bom convívio entre o corpo escolar, além do acesso ao material de apoio e recursos didáticos.

Uma outra professora, Terezinha de Jesus, formada em Ciências com habilitação em Biologia, ministra aulas na EJA há três anos. Para ela a facilidade de se trabalhar com EJA é a diferença de faixa etária entre os alunos porque a interação entre eles flui melhor. Ela exemplifica que alunos que estudavam pela manhã e depois passaram a estudar na EJA apresentaram uma melhora no comportamento. A maior dificuldade é vencer o cansaço físico dos alunos que trabalham.

No tocante aos estudantes foram dois os entrevistados, o aluno Ryan, 15 anos, começou a estudar na EJA em 2017. O estudante considera esta uma ótima modalidade de ensino, adiantando o tempo que ficou sem estudar. Regina, 38 anos, desde 2015 estuda na EJA. Deseja concluir as modalidades para cursar Direito e relata que enfrenta maiores dificuldades com a demanda de conteúdo que é ofertada em pouco tempo.

Já na escola Jorge Camelo, existem quatro turmas de Educação de Jovens e Adultos e todas funcionam à noite. As entrevistas ocorreram com a turma inicial dos módulos I e II. São quatro alunos matriculados, mas nas ocasiões das entrevistas, tivemos a presença de três deles.

O agricultor João Sobrinho, 36 anos, morador da zona rural, é operador de máquinas há 18 anos em usinas de açúcar. Quando questionado sobre qual o maior desafio de estudar, ele divide as dificuldades: “Tem dia que eu estou muito cansado, é muito estresse e eu não aguento vir. A dificuldade de aprender é só para escrever, mas eu vou chegar lá. Eu quero me formar que é o meu sonho, eu quero até depois fazer um curso para mexer no computador, de informática”. Solange Silva, 33 anos, passa pela mesma situação. Sente-se cansada de seus dias

de trabalho em uma padaria da cidade e não consegue ir a todas as aulas à noite. “Tem dia que não dá nem vontade de ir pra escola”, explica.

Sebastião da Silva, 51 anos, aposentado, sabe escrever poucas palavras, mas sua maior dificuldade está na leitura. “Eu sou analfabeto porque não consigo ler. Eu tento raciocinar quando vejo a palavra, mas ainda tenho dificuldade de ir lendo os sons das letras juntas, mas eu vou chegar lá”, disse.

A professora Rita de Cássia, pedagoga, confidencia a dificuldade de prender a atenção dos alunos. Muitas vezes não utiliza o livro didático porque eles acabam dormindo durante as leituras. “O rendimento deixa um pouco a desejar. A gente, infelizmente, não pode ser tão ao pé da letra porque a evasão é grande. A EJA, costuma-se falar que é de fato especial. É outro tratamento e um ritmo mais lento”, esclareceu. As aulas exploram a imaginação e as reflexões com o uso, muitas vezes, de fábulas e textos mais curtos, músicas e fatos que saem em telejornais. São as estratégias para melhorar a aprendizagem dessas pessoas e evitar também a evasão.

A desistência de alunos da EJA se explica segundo a gerente Cláudia Abreu, principalmente por questões de localidade. “O PPF pode funcionar em qualquer lugar de domínio público, mas a EJA só funciona em escolas. Muitos desistem porque não encontram uma unidade escolar próxima a sua casa, além de, como em muitos casos, achar que não é mais necessário continuar aprendendo em sala de aula, outros pela questão de trabalho. É uma realidade bem complexa”. Além disso, há um outro agravante, a oferta de turmas: “Como a EJA de ensino fundamental é de responsabilidade do município, muitos não estão sensíveis e acabam não oferecendo novas turmas”. Ao todo, existem 450 escolas estaduais que ofertam turmas de EJA.

Paralelo a isso, nossas políticas públicas tem dado passos para trás. Pensando nos desafios, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) surgiu em 2003 para superar esses entraves e promover a progressiva continuidade dos estudos de jovens, adultos e idosos. O programa garante a ampliação da oferta de turmas de alfabetização, bolsas para alfabetizadores, da língua brasileira de sinais (LIBRAS), material pedagógico (didático e literário), merenda e transporte. Segundo o Programa, foram investidos mais de R\$ 2,2 bilhões para o desenvolvimento de ações de alfabetização em todo o Brasil, por meio da transferência de valor de apoio aos entes federados e pagamento de bolsas aos voluntários. Mas, em 2016, circulou na imprensa nacional que o PBA havia paralisado apesar do MEC afirmar que o programa continua em execução. Em junho de 2016, o então Ministro da educação, Mendonça Filho, exonerou 31 assessores

técnicos, sendo 23 ligados à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) e oito, à Secretaria Executiva da pasta.

Como sintoma desse sistema rompido, em Pernambuco, o Programa Paulo Freire – PE escolarizado (PPF), iniciativa estadual articulada ao PBA e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), enfrenta a paralisação de suas atividades sem previsão de cadastramento para novas turmas. O programa Paulo Freire é a principal iniciativa em alfabetização do estado e a partir da conclusão em oito meses, os alunos são integrados para as turmas de EJA.

CONCLUSÃO

Esta problemática é complexa porque a própria realidade também é. O analfabetismo é um fator que ainda persiste pois é difícil conter os fatores que contribuem para a manutenção deste índice. Muitas vezes, o acesso escolar é prejudicado com o longo deslocamento que o aluno precisa fazer ou o cansaço do trabalho prejudica. Além disso, para os casos das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), os alunos são adultos e já trazem uma bagagem cultural e única consigo, pois já vivem suas realidades, desempenham suas funções, criam suas famílias.

É preciso respeitar esta particularidade e “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (FREIRE, 2002, p.15). Isso quer dizer, mais claramente, que a partir das experiências reais e individuais dos educandos, devem ser pensados os conteúdos, as estratégias metodológicas e didáticas de alcance ao êxito do processo ensino-aprendizagem. São adultos que devem ser ensinados como adultos, como conhecedores de mundo que já são, e não como crianças. E esta é uma barreira a ser vencida nas turmas de EJA. Outra dificuldade diz respeito à própria política a nível municipal e estadual de oferta de turmas desta modalidade, como relatou Claudia. Muitas vezes, há uma falta de compreensão política sobre o que é a EJA e a sua relevância na educação e combate ao analfabetismo.

Verificamos por meio das entrevistas realizadas, que as escolas tem oferecido um ambiente razoavelmente agradável. A primeira, localizada em Recife, tem mais problemas estruturais, mas ainda conta com mais salas para a realização de aulas desta modalidade de ensino. Percebemos que os professores demonstram que se preocupam com a permanência dos alunos nesta modalidade de ensino e buscam trabalhar com metodologias pedagógicas que visam superar as dificuldades apresentadas pelos seus alunos. Porém, há uma problemática: na primeira escola, os professores não são pedagogos, ao contrário da segunda em que a professora

é licenciada em pedagogia. Esta é uma questão bastante sensível. Apenas no curso de pedagogia tem disciplina ofertada sobre a EJA (na UFPE, apenas uma cadeira obrigatória, o que ainda é muito pouco), preparando o aluno para o enfrentamento desta realidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação / Ação Educativa. **Breve histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Brasília, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Carlos Roberto Jamil Cury (relator). **Parecer CEB11/2000** - Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; MEC/Inpe. **Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade, por grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e as classes de tamanho da Grupos de idade população dos municípios - 2000/2010**. Disponível em: <<http://bit.ly/28q7Fe8>>. Acessado em: 14 de junho de 2018.

LEAL, T.F.; ALBURQUERQUE, E.B. (Org.). **Desafios da educação de jovens e adultos: construindo práticas de alfabetização**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. V. 1. 174p

MEDEIROS, M. **O analfabetismo no Brasil sob enfoque demográfico**. Cadernos de Pesquisa, nº 107, p. 169-186, julho, 1999.

OLIVEIRA, A. B. S. Métodos e técnicas de pesquisa em contabilidade. São Paulo: Saraiva, 2003.

PAINI, L.D; GRECO, E.A; AZEVEDO, A.L; VALINO, M.L; GAZOLA, S. **Retrato do analfabetismo: algumas considerações sobre a educação no Brasil**. Revista Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. Maringá, v. 27, n. 2, p. 223-230, 2005.

RÊGO, M. G. S. **Além de Letras**. 2017. Disponível em: <<https://mariliagabii13.wixsite.com/alemdeletrasserie>>. Acessado em 03 de setembro de 2018.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Educação de jovens e adultos/** Leôncio José Gomes Soares – Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (Diretrizes Curriculares Nacionais).